

**Alice sobre si mesma e sobre sua quarentena:  
uma leitura de *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende**

Ana Patrícia Frederico Silveira (IFSertão-PE)\*  
ORCID 0000-0002-7190-9858  
Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)\*\*  
ORCID 0000-0001-7541-3377

**Resumo:** O objetivo deste artigo é desenvolver uma análise da personagem Alice no romance *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende. A referida escritora nos apresenta a personagem Alice e seus conflitos, sobretudo no universo que circunda as surpresas, os desafios e as agruras da mulher brasileira, recém-chegada na terceira idade. Com foco narrativo em primeira pessoa, esta obra traz para o centro do debate personagens femininas que coadunam com perfis reais, da hierarquia familiar, tematizando a estratificação social, reforçada pela origem geográfica. Ao estabelecer a relação explorador e explorado, denunciada pelo olhar de Rezende, a obra dialoga com a nossa leitura, alicerçada pelo texto bíblico, pelas simbologias do mundo ocidental, na ótica de Chevalier e Gerbrant (2002), e pelas teses defendidas por Kristeva (1994), Bachelard (2003), Perlatto (2017), Resende e David (2016), entre outros posicionamentos críticos convocados na análise do referido romance.

**Palavras-chave:** *Quarenta Dias*; Maria Valéria Rezende; Alice; Margem social

**Abstract:** The purpose of this article is to develop an analysis of the character Alice in the novel *Quarenta Dias*, by Maria Valéria Rezende. The aforementioned writer introduces us to the character Alice and her conflicts, especially in the universe that surrounds the surprises, challenges and hardships of Brazilian women, newly arrived in the third age. With a first-person narrative focus, this work brings to the center of the debate female characters that match real profiles, from the family hierarchy, thematizing social stratification, reinforced by geographic origin. By establishing the relationship between explorer and explored, denounced by Rezende's gaze, the work dialogues with our reading, based on the biblical text, by the symbologies of the western world, from the perspective of Chevalier & Gerbrant (2002), and by the theses defended by Kristeva (2002). 1994), Bachelard (2003), Perlatto (2017), Resende & David (2016), among other critical positions summoned in the analysis of the aforementioned novel.

**Keywords:** *Forty Days*; Maria Valéria Rezende; Alice; Social Margin

**Resumen:** El objetivo de este artículo es desarrollar un análisis del personaje Alicia en la novela *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende. La mencionada escritora introduce al personaje de Alicia y sus conflictos, especialmente el universo que involucra las sorpresas, desafíos y penurias de las mujeres brasileñas, recién llegadas a la tercera edad. Con un enfoque narrativo en primera persona, esta obra trae al centro del debate personajes femeninos que coinciden con perfiles reales, provenientes de la jerarquía familiar, tematizando la estratificación social, reforzada por el origen geográfico. Al establecer la relación entre explorador y explorado denunciada por la mirada de Rezende, la obra dialoga con nuestra lectura, a partir del texto bíblico, de las simbologías del mundo occidental, desde la perspectiva de Chevalier y Gerbrant (2002), y de las tesis defendida por Kristeva (2002, 1994), Bachelard (2003), Perlatto (2017), Resende y David (2016), entre otras posiciones críticas convocadas en el análisis de dicha novela.

**Palabras-clave:** *Cuarenta días*; Maria Valeria Rezende; Alicia; Margen social

Recebido em: 01 mar. 2021

| Aprovado em: 10 maio 2021

\* Doutora em Letras e professora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sertão de Pernambuco (IFSertão-PE). E-mail: ana.frederico@ifsertao-pe.edu.br.

\*\* Doutor em Letras e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br.

“Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afinal de contas quem sou eu?’ Ah, este é o grande enigma!” (CARROL, 2009, p. 25)

### Primeiras colocações

As personagens de Maria Valéria Rezende, em sua grande maioria, absorvem dilemas da contemporaneidade, de vidas comuns, apresentando dramas que podem ser experienciados nas mais variadas famílias, como na de Alice, nosso objeto de análise e protagonista do romance *Quarenta Dias*, que vive um conflito bem particular: exercer a condição de ser mãe de Norinha. A necessidade da presença de Alice na vida de Norinha para ajudá-la na educação do filho ainda não-gerado, exige sua transmigração, deixando de viver em João Pessoa, capital paraibana. As cenas iniciais da narrativa apresentam a contemplação de Alice, diante do esvaziamento do seu apartamento, lugar onde se via representada e plena, onde era feliz, com sua vida intacta. O esvaziamento desse espaço físico vai de encontro ao sentimento de esvaziamento existencial e identitário de Alice, na busca por resistir a toda aquela mudança. Ela então vive uma dialética: deixar de se priorizar mais uma vez, porque deveria servir aos seus; ou manter a sua vida como já se encontrava, totalmente organizada e estabelecida, carregando consigo para sempre o remorso de não ter sido solidária à sua filha, na educação do seu neto?

Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que dêem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, à coletividade, a causas, ao trabalho social ou político, intelectual, criador. (BEAUVOIR, 1990, p. 54).

A personagem Alice vive um dilema introspectivo de valorização de si em função das renúncias como mãe e avó. A velhice se torna o espaço e o tempo para a introspecção da personagem que em seus solilóquios e monólogos cria um caminho estreito de lembranças que a faz ressignificar o seu lugar como mulher insatisfeita em uma sociedade patriarcal.

Esta narrativa, escolhida para análise neste artigo, traz a história de Alice, professora aposentada de francês que reside em João Pessoa, na Paraíba, onde leva uma vida pacífica, até o dia em que sua filha, Norinha, que mora em Porto Alegre, decide que quer ter um filho e entrega à sua mãe a tarefa de cuidar da criança. Antes mesmo de engravidar, a moça vende todas as coisas de Alice e a obriga a viajar para Porto Alegre a fim de que a personagem se familiarize com seu novo lar. A mãe só consegue salvar um caderno velho que traz na capa a boneca Barbie, que se torna um diário no qual a personagem relata os conflitos, os medos, os encontros e desencontros vivenciados no novo espaço. Ao chegar ao seu destino, Alice descobre que a filha e o genro mudaram de planos e estão indo estudar na Europa, deixando-a sozinha em Porto Alegre. Inconformada, Alice decide procurar um rapaz, filho de uma conhecida, que havia deixado a Paraíba para trabalhar no Sul e não mandava notícias para a mãe há muitos anos. Nesta procura, a personagem se perde e passa quarenta dias vagando pela periferia de Porto Alegre onde conhece muitas pessoas em situação de miséria, abandono e violência. Em meio ao desconhecido, pessoas, espaços, realidade social, Alice, revela um olhar crítico e poético sobre a realidade que a

cerca.

Valéria Rezende, por meio da personagem Alice, revela uma narradora protagonista feminista que faz de sua história um protesto contra o lugar comum a que é submetida a mulher submissa aos favorecimentos estabelecidos pelo machismo patriarcal. Pior é ver o referido machismo reproduzido no comportamento da filha Norinha, como vamos mostrar nas análises que seguem.

### 1. Alice, Norinha e Barbie: o feminino que protagoniza e gesta a ficção de *Quarenta dias*

A cena de abertura do referido livro remete à feliz decisão de Alice em levar consigo o único objeto que a religaria ao seu passado e à sua identidade: um caderno de 300 páginas, com folhas amareladas, trazendo na capa uma boneca Barbie<sup>1</sup> como ilustração. Alice inicia a cena dizendo o quanto foi positivo estar consigo aquele caderno, utilizado como um diário. Por meio do fluxo da consciência, ao escrever suas memórias, o diário passa a ser “conhecedor” de todos os sentimentos e experiências da protagonista na nova cidade:

Sei, agora, por que cismeiei de trazer na bagagem este caderno **velho vazio, trezentas folhas amareladas, com essa Barbie na capa de moldura cor-de-rosa**, sabe-se lá de quem era nem como se extraviou na minha casa. [...] Cismeiei com ele e pronto. Porque eu quero! por mais que a fúria organizadora da prima Elizete tentasse botá-lo no monte de velharias, quase lixo, pra vender na tal “*garage sale*” que aprendeu com a filha que foi morar nos Estados Unidos e inventou de fazer com meus trastes. [...] Daí apareceu o caderno. Que leseira, Alice!, não vai me dizer que você vai recomendar, lá no Sul, com essa besteira de dar aula o dia todo pra precisar de um caderno velho, vazio e grosso que dá pra vender por uns oito a dez reais, um novo desses é bem uns vinte ou mais, pra que levar peso inútil nas malas? Com duas aposentadorias, avel, a do Estado e essa, agora, das aulas de francês, dá de sobra

Sei lál, **a isso, sim, eu resisti até o fim, agarrei-me com o caderno como a uma boia, vai ver que foi só mesmo pra dizer Não a alguém, fincar pé contra mais uma vontade alheia querendo tomar o controle daquela minha vida, já escapando feito água usada pelo ralo desde que me decidi, ou cedi?** [...] **O caderno veio na minha bagagem por pura teimosia, mas com um destino oculto, tábuas de salvação pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu.** Talvez. (REZENDE, 2014, p. 07-09, grifo nosso)

Ainda nesta cena, Alice “se despede” do apartamento onde morava e de sua mobília, se vendo obrigada a assumir uma nova vida, para enfim fazer as vontades da filha, divergentes das dela, numa cidade completamente desconhecida, o que lhe desencadeará uma sensação de estrangeira naquele novo lugar (“a lembrança de todo o meu percurso até aquele quarto sem nenhum caráter, mal reconhecendo minha própria figura, fora de lugar” REZENDE, 2014, p. 42). Alice começa, então, a se sentir estrangeira de si mesma, não

<sup>1</sup> Lançada no dia 09 de março de 1959, Barbie, a primeira boneca com forma de adulta na história da indústria de brinquedos, surgiu como uma *top model* de sucesso, medidas perfeitas, silhueta fina, vestindo roupas na última moda, usando maquiagem, independente e com tempo de sobra para investir na carreira. Em suma, era o oposto do estereótipo da dona de casa americana do pós-guerra. (SILVA, 2014, 40). Entretanto, esse perfil de Barbie incentivou e ainda incentiva muitas meninas, moças e mulheres a quererem se enquadrar neste tipo físico, escravizando-se em nome da aparência respaldada no ideal de beleza europeu, americano, burguês e capitalista.

apenas geograficamente, mas também pela inversão de papéis entre ela e sua filha, a quem Alice devia obediência, em confronto consigo mesma. A respeito desse sentimento, Kristeva (1994) defende que todos nós somos estrangeiros de e em nós mesmos(as), o que é salutar, uma vez que, quando saímos da zona de conforto, vimos o quanto somos diferentes um do outro e que, em algum momento, nos sentiremos diferentes dos demais membros do nosso grupo, por alguma característica que possuímos. Portanto, para Kristeva (1994), a condição do estrangeiro não compreende apenas o deslocamento geográfico, mas também o social, nos enquadrando como nativo ou forasteiro, nativo ou turista, e tantas outras classificações relacionadas aos aspectos de gênero, de raça, de sexualidade, de escolaridade, das funções profissionais e sociais a que nos ocupamos, nos tornando únicos, particulares ou minorias.

Por vários momentos, Alice se sente estrangeira: no esvaziamento do apartamento, refletindo também o seu; na vida que se iniciava em Porto Alegre, nos primeiros momentos nesta cidade, onde houve diversos estranhamentos por parte dela e daqueles que ali habitavam (até mesmo no tipo físico entre ela e os gaúchos); durante os quarenta dias em que ela ficou à procura de Cicero Araújo, seja quando ela saía de vila em vila nos relatos compartilhados por ela e aqueles moradores, seja quando ela passou a dormir ao relento, no banco de cimento, dividindo experiências junto dos indigentes, diante de uma realidade que não lhe pertencia, na qual estava inserida, mesmo que momentaneamente: “o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades”. (KRISTEVA, 1994, p.9). Este sentimento percorre por toda a obra, promovendo um diálogo entre o relato feito pela narradora, os recortes que anunciam, de algum modo, serviços ou acontecimentos na cidade de Porto Alegre, e as epígrafes que iniciam cada capítulo. É interessante observar como a autora subverte as regras de pontuação, talvez para mostrar que a narradora não tem domínio por completo das regras gramaticais, registrando uma escrita moderadamente livre, especialmente quando se registrava os diálogos entre Alice com as várias pessoas com quem ela interagiu, e nos momentos finais da narrativa há a revelação: “quem sabe ainda reabro essas páginas e passo tudo a limpo”, deixando suspensa a ideia de escrever a continuação da vida de Alice, sob o testemunho de si mesma que confia a Barbie as suas vivências, postas no caderno-diário, onde suas memórias estão registradas.

Já na primeira frase, (“Sei, agora, por que cismeiei de trazer na bagagem este caderno velho vazio” REZENDE, 2014, p.8), temos a impressão de que todos os fatos foram consumados e que, AGORA, Alice os revivia a partir do fluxo da consciência, de que sua “intuição” estava certa (“naquela altura nem tentei mais resistir” REZENDE, 2014, p.8), (“a isso sim, eu resisti até o fim, agarrei-me com o caderno como a uma boia, vai ver que foi por isso mesmo pra dizer Não a alguém, fincar o pé contra mais uma vontade alheia, querendo tomar o controle daquela minha vida, já escapando, feito água usada pelo ralo desde que me decidi, ou cedi? REZENDE, 2014, p.9). Entre resistir ou não, ela “lutou” pela posse do caderno, que vai salvá-la do sufocamento das palavras e das sensações que precisavam ser ditas. Outro motivo da insistência pelo caderno é a franca vontade de se posicionar, de se sentir viva e dona de opinião, em vez de ser submetida mais uma vez ao que os outros preferem, sem respeito ao que ela deseja, inclusive, o de transmigrar-se, o que trouxe para Alice uma experiência muito negativa, descrita por ela como (“um rebuliço, à derrocada da minha vida” REZENDE, 2014, p.8).

Chamemos a atenção para essas três personagens: Norinha, Alice e Barbie. Norinha, filha de Alice que, por motivos profissionais, foi morar em Porto Alegre, onde conheceu Umberto, com quem se casou, fixando sua vida no sul do país. Manipuladora e

mimada, Norinha estabeleceu com a mãe uma relação bastante conflituosa, na qual esta é explorada em prol do conforto e bem estar daquela, com quem tem bastante ressalva, pois, desde sempre, observou na filha uma personalidade de muita individualidade (“Nora chegou. Vai fazer sopa hoje, Mãinha? Que horas? Já está pronta[...]. Tão distraída com a novelinha, nem percebi que ela já tinha saído. [...]. só tinha sobrado menos de uma concha rasa de sopa! Pasmé, Barbie, ela tinha se servido na tigela de feijão. [...] mas quando ela voltou não dei um pio, pra não ser chamada de mão-de-vaca” REZENDE, 2014, p.22); pouca amizade ([...] “quase não aparecia, telefonemas apressados, Bença, Mãinha, tudo bem com você? Se cuide, viu!” REZENDE, 2014, p.20); (“Quase não se sentava à mesa comigo, comia em pé na cozinha” REZENDE, 2014, p.23); e uma visão de mundo muito presa aos dogmas patriarcais, ao ponto de chantageá-la sobre a necessidade de reduzir-se à função de avó, utilizando-se, muitas vezes, do argumento de que o rebento não estará em melhores mãos e cuidados do que os da avó, pela experiência, vivência, relação consanguínea, o que garantirá zelo e segurança que nenhuma outra pessoa irá oferecer, desconsiderando outros papéis que, porventura, poderiam ser exercidos por Alice.

Como é que eu hei de ter filho a esta altura da vida, mãe, com quase trinta e quatro anos, tempo integral na universidade, sem minha mãe junto pra me ajudar com a criança? [...]. como era que alguém havia de engravidar sem a garantia de condições pra tomar conta do filho e manter a carreira que custou tantos anos de esforço e planejamento? [...].

Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó. Eu, de cara, disse não, eu não queria me mudar pra Porto Alegre, aquele frio danado!, nem era preciso, que hoje a moda é todo o mundo botar a pobre da criança presa numa creche assim que desmama, eu não havia de largar pra trás tudo o que eu custei tanto a conquistar, meus velhos amigos, os alunos que se tornavam novos amigos, a praia, o Atlântico todinho na minha frente, planos de viagens e atividades que tinha tido de adiar até então, mas ainda em tempo de realizar, uma vida que eu considerava feliz, apesar das cicatrizes. (REZENDE, 2014, p. 21)

No trecho acima, Alice faz questionamentos importantíssimos no seu diário, que refletem com muita fundamentação os papéis e as condições sociais reservadas à mulher nas suas mais diversas esferas de atuação. Vítimas de uma ordem patriarcal, as mulheres travam ao longo de sua existência um pacto com a subserviência, submissão e entrega incondicional, sem nenhum direito à revolta e contradição ao pai, aos filhos, ao marido, e a todo o sistema patriarcal. Esse comportamento é posto em crise quando surgem as posições que questionam e transgridem esta ordem, porém, nossa protagonista só consegue esse enfrentamento no plano de sua consciência do abuso de poder que lhe é direcionado, o que a inquieta.

Alice, professora aposentada, vive na capital paraibana, sem a companhia do marido Aldenor, desde que ele desapareceu, na época da ditadura militar ([...] ‘tragédia do desaparecimento de Aldenor, das minhas noites em claro, do aperreio com as notícias, sempre truncadas pelos chiados do rádio em ondas curtas, sobre sequestros, torturas, execuções, desaparecimentos, dos pesadelos com gente ferida sangrando até a morte no meio de alguma selva’, [...] REZENDE, 2014, p. 30). Alice vive sozinha sem nenhum problema e sem nenhum tipo de cobrança pela ausência de sua filha; entretanto, se vê obrigada a deixar a Paraíba, seguindo para Porto Alegre, por ordem de Norinha e Elizete. Sem ter com quem contar, e distante de tudo aquilo que é representativo e identitário para si, Alice se anula em prol daquilo que comumente é reservado ao papel de mãe e de avó:

dedicação e entrega incondicionais àqueles que dela precisam, sem se importarem com suas reais necessidades, aspirações e bem-estar. Esta invisibilidade a que se sujeita Alice também pode ser comumente encontrada em milhares de idosos e de famílias que assim tratam e “enxergam” o idoso com quem convivem: seja como um contribuinte dos proventos do lar ou seja como um cuidador dos netos, o idoso se torna órfão da autonomia que possuía noutrora, ocorrendo o mesmo com Alice que, sem o poder de decisão, age contra a sua própria vontade.

Recém-chegada em Porto Alegre, Alice começa seu processo de adaptação para aquela nova vida, contando, inicialmente, com o auxílio de S. Jerônimo (um dos porteiros de seu prédio), e Milena (diarista, também nordestina) com quem Alice se identificará, nutrindo uma amizade, não apenas ao cuidar dos afazeres domésticos, mas também ao se preocupar com o estado emocional daquela mulher com quem conversava demoradamente sobre a família e a saudade da terra natal. Da antiga vida, Alice ainda mantém contato com Elizete, sua prima, cúmplice de Norinha e responsável pela informação de que Cicero Araújo (filho de Socorro) estava sem dar notícias à mãe, causando-lhe uma inquietação que poderia ser diminuída ou sanada, caso Alice o encontrasse, sobre o que desenvolverá quase todo o enredo de *Quarenta Dias*: Alice encontra em Cicero Araújo um álibi para ficar cada vez menos no seu novo endereço, ao mesmo tempo em que reacende a sua autonomia, mostrando-se uma mulher indobrável, seguidora dos ideais feministas. No entanto, ainda na primeira semana de Alice na nova cidade, Norinha lhe apresenta novos planos:

De repente a bomba! [...] Mãinha, tem uma coisa que eu não lhe disse antes pra não ser mais um pretexto e adiar sua vinda. Custei a acreditar. Havia um mês que um projeto de pós-doutorado de Umberto tinha sido aprovado e Norinha mesma tinha conseguido uma bolsa de pesquisa. Iam passar pelo menos seis meses na Europa, nem prestei atenção em que país, partiam em menos de uma semana. Mas não se preocupe não, Mãinha, só seis ou, no máximo, oito meses, eu vou ficar em comunicação constante [...] (REZENDE, 2014, p.76)

Diante dessa revelação, Alice reagiu, fugindo daquele ambiente, se reclusando em seu apartamento, sem atender a nenhum telefonema, nem a ninguém, adormecendo em seguida, acompanhada por um pesadelo que a fez gritar ao ponto de acordar o seu vizinho, o qual comunicou o fato ao porteiro, provocando neste o interesse em interfonar para o apartamento dela, perguntando-lhe se estava precisando de algo, já que “o vizinho do lado ligou aqui preocupado, que estava ouvindo gritos” (REZENDE, 2014, p.84). Envergonhada por chamar atenção pela dor que sentia, Alice voltou à sua consciência, procurando comê-la sua dor, que agora será silenciosa, ao mesmo tempo em que, no dia seguinte, forjaria uma viagem para outra cidade, voltando, minutos depois, ao seu apartamento sem ser vista por ninguém. Durante sete dias, Alice se mantém enclausurada no apartamento, ignorando toda e qualquer tentativa de comunicação com o mundo externo àquele espaço, dedicando-se, neste interim, à leitura de livros e mais livros, incansavelmente. É importante considerarmos a presença do número 7 neste momento da narrativa, o que representa, grosso modo, a conclusão de um ciclo, remetendo a uma passagem da narrativa bíblica, na qual afirma que Jesus Cristo fez e concluiu o mundo em sete dias (Genesis 1-2). De acordo com Chevalier e Gerbrant (2002: 830): “o sete indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma renovação positiva. [...] o sete simboliza a conclusão do mundo e a plenitude do tempo”. Aproveitando essa interpretação, faremos uma analogia com a experiência vivida por Alice, que no seu isolamento e insociabilidade, fica enlutada por sete dias:

Desliguei o celular, mas não baixei a campainha do telefone fixo, sentindo uma espécie de prazer horrível quando ele começou de novo a tocar, uma hora depois, tocar, tocar, sem parar, sem resposta, sem remissão, de novo, várias vezes, o dia todo, a campainha desesperada, uma vez o interfone, mil vezes o telefone, ecoando no apartamento vazio, vazio, porque eu não estava lá, tinha entrado pelos livros adentro, caído num poço profundo, passado pra outro mundo louco, um “wonderland” qualquer de onde esta Alice não pretendia voltar tão cedo. (REZENDE, 2014, p. 52)

Após o período de sete dias, ela se refaz, se reconstrói, preparada, inclusive para atender aos telefonemas, enfrentando todo e qualquer interrogatório que porventura pudesse aparecer. É nesta ocasião que Alice recebe o telefonema de Elizete, lhe pedindo ajuda: tentar encontrar Cícero Araújo, filho da manicure Socorro Dias, que foi para Porto Alegre onde trabalhou na construção civil de obras na área nobre da cidade, em contraposição com o lugar onde ele residia, Vila Maria Degolada, lugarejo cujo nome advém da homenagem a uma mulher que foi vítima de feminicídio, morta violentamente por um homem que queria possuí-la sexualmente. A partir desse momento, a narrativa é repleta de depoimentos de tantas outras mulheres que se viram à margem social, que se sentiram e se sentem mutiladas pelos poucos direitos que lhe foram reservados, que de alguma maneira foram abandonadas, assim como também foi Alice:

Um rumo vago. Que eu seguiria se eu quisesse. Talvez tenha sido o nome estranho do lugar que me despertou da letargia. Talvez tenha sido, sem que eu percebesse, a dor de outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que eu não conheço atrás do rastro borrado de alguém que eu nunca vi. Afinal, Barbie, isso quase podia ser um resumo de qualquer vida quando começa, sair por aí, a ganhar o mundo, à toa (REZENDE, 2014, p, 92)

Saí, em busca de Cicero Araújo ou sei lá o de quê, mas sem despir-me dessa nova Alice, arisca e áspera, que tinha brotado e esgalhado nesses últimos meses e tratava de escamotear-se, perder-se num mundo sem porteira, fugir do controle de quem quer que fosse. (REZENDE, 2014, p. 95)

Eu nem percebi, naquele dia, quando saí de casa atrás de um quase imaginário, um vago Cicero Araújo, que estava, na verdade, correndo atrás de um coelho branco de olhos vermelhos, colete e relógio, que ia me levar pra um buraco, outro mundo. Também, que importância tinha? Acho que teria ido de qualquer jeito, só pra cair em algum mundo, sair daquele estado de suspensão da minha vida num entremundo, sem nem por um momento me perguntar como nem pra onde havia de voltar (REZENDE, 2014, p.102)

De espírito indomável, incapaz de aceitar de prontidão as ordens do patriarcado e sem se sentir bem com a sua própria vitimização, Alice é tomada pelo sabor do desconhecido, de ganhar o mundo afora, sem estar presa a nenhuma norma imposta, criando a sua própria ordem, em nome da liberdade de viver, ao migrar mais uma vez para uma realidade divergente da sua. Porém, agora ela faz por vontade própria, em nome do desejo de se libertar daquela vida suspensa, sem objetivos emergenciais, que se iniciou desde que chegou ao Rio Grande do Sul, onde ela é uma completa estrangeira, sem nenhuma identidade com o lugar.

Por entre as ruas de Porto Alegre, em busca de Cicero Araújo, Alice se depara com

duas constatações: muitas outras famílias passam pelo mesmo drama de não saberem o destino de pelo menos um parente; naquela cidade há muitos nordestinos, os quais vivem na mais extrema periferia do lugar, assim como são postos os que são mantidos na invisibilidade social, vivendo em porões, nos sótãos da casa, onde ficam as “tralhas”, os que estão em “desuso”. Esse fato revela, ainda, a denúncia de que em Porto Alegre os nordestinos são explorados em benefício de uma cultura e de uma sociedade estratificada, sendo postos na condição de servilidade aos sulistas. Entretanto, é neste espaço onde Alice é ouvida e socorrida, por meio da solidariedade de cada um que ouve o seu relato, associado ao apelo de uma mãe que deseja saber do filho sumido, evidenciando a empatia do povo nordestino à figura materna, como alguém sagrado e especial, o que é antagônico na relação estabelecida entre Norinha e Alice.

Assim como a Alice<sup>2</sup>, de Lewis Carroll, a Alice, de Maria Valéria Rezende, é transportada para um lugar completamente avesso ao que ela costumeiramente transita, uma vez que a Alice contemporânea vai conhecer “um retrato” de Porto Alegre negado nos cartões postais, pois o lugar para onde ela foi é o habitat dos marginalizados, dos esquecidos da sociedade, vindos, muitos deles, do Nordeste. Observemos os seguintes trechos, ao descreverem a vida dos que ocupam outras regiões, representando a parte esquecida e ignorada, que vive em espécies de colônias de migrantes:

Seguimos todos os conselhos, encontramos baianas, maranhenses, sergipanos e potiguares, duas mulheres da Paraíba, notícia de um chamado Cícero que era cearense e tinha mais de setenta anos, piauienses e alagoanos, aqui e acolá um filho de outros homens de “lá” que apenas semearam cá seus bruguelos e foram-se embora, eles também, sem mais dar notícias. Eu descobria que o mundo era feito em grande parte de gente desaparecida, gente que não deu mais notícia e gente desesperada atrás ou a esperar conformadamente pelos sumidos. Até cópias de fotografias dos seus próprios desaparecidos me deram, Se por acaso... A essa altura, meu caso, de minha própria filha, desaparecida simplesmente porque eu me recusava a ter mais notícias dela, começava a me parecer banal e mais uma vez me deixava levar por outra pessoa, agora, porém, sem nenhuma revolta, nem pensei em recusar, fui, pra onde me puxaram, decerto satisfeita por não ter de me emocionar com mais nada senão Cícero Araújo e a pobre e ambígua Maria Degolada... (REZENDE, 2014, p. 69)

Engraçado é que eu tinha a impressão de, afinal, quase nada ver de tão estranho assim, neste Sul tão longe de casa, o povo misturado de todas as cores, os petiscos de pobre, aquele tanto de negros gaúchos que eu nunca soube que existiam, violência e solidariedade, pobreza e necessidades, iguais às da minha terra, a pedir milagres. Fui descendo, me lembrando de toda a população de Boi Velho abalada e pondo-se em campo pra tentar achar notícia do filho de Fátima, quando ele sumiu depois da passagem de um parque de diversões

---

<sup>2</sup> Protagonista do livro infantil *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, um clássico da literatura inglesa, publicado pela primeira vez em 1865, tem como autor Lewis Carroll, que também é matemático, e John Tennel, como ilustrador. Alice é uma menina de sete anos, curiosa e questionadora que, de um modo inusitado e desprezioso, cai na toca de um Coelho Branco, e tomada pela curiosidade vai o perseguindo até chegar ao País das Maravilhas, um lugar onde nada tem sentido, tudo é caótico e desordenado. Entretanto, é neste espaço onde Alice faz os mais nobres questionamentos não somente comuns às crianças, mas que também podem ser feitos por adultos. Em companhia de animais e de objetos que interagem com ela, Alice vive uma experiência cheia de aventuras, descobertas, sem nada a temer, numa atmosfera característica da literatura fantástica, do conto maravilhoso, tão bem recepcionados e direcionados ao público infantil, sendo revelado apenas no desfecho do enredo que esta vivência se deu por meio de um sonho, enquanto a menina dormia.

mambembe, velas, rezas, promessas, avisos pelo rádio, terço na igreja por intenção do menino que nunca apareceu. Depois fui lembrando as histórias contadas e recontadas pela minha avó, de uma Sãozinha, que morreu cedo. (REZENDE, 2014, p.70-71)

Com base nestas passagens da obra *Quarenta Dias* (2014), Maria Valéria Rezende registra uma forte denúncia acerca do desprezo e do apagamento forçado ao povo nordestino, quando este tenta a vida em outros territórios além do seu. Pairando pelas ruas, por quarenta dias, ela conhece mulheres e homens margeados socialmente, com quem aprende muito e se autodesafia, em busca de conhecer seus limites, comparando-se muitas vezes à Alice, de Lewis Carroll, que também se insere num mundo bem diferente do seu; porém as duas se aproximam no que se refere à condição de serem reduzidas: Uma toma uma poção para reduzir seu tamanho, pré-requisito fundamental para adentrar no outro mundo; a outra é reduzida à condição de avó, de uma idosa que vai perdendo a autonomia, em razão da ordem social que o delimita na quase invisibilidade: (“Quando Umberto embicou o carro num portão, diante de um prédio qualquer daquela cidade nenhuma, acionou um controle remoto e entrou, parando ao lado de uma guarita, encolhi-me ainda mais, Alice diminuindo, diminuindo” REZENDE, 2014, p. 40); (“acordei logo cedo, disposta a deixar pra lá o ressentimento, ser realista, encarar as coisas como eram agora, como gente grande, voltar ao meu tamanho normal... REZENDE, 2014, p. 52); (“Eu nem percebi, naquele dia, quando saí de casa atrás de um quase imaginário, um vago Cícero Araújo, que estava, na verdade, correndo atrás de um coelho branco de olhos vermelhos, colete e relógio, que ia me levar pra um buraco, outro mundo”. REZENDE, 2014, p.102)

Baseando-se em simbologias religiosas, a peregrinação da protagonista à procura de Cícero Araújo se dá por quarenta dias, coincidindo com o número de dias da quaresma, momento de preparação, de penitência, para que, enfim, seja alcançada a redenção ou uma graça muito valiosa, instituindo a paz de volta, retornando ao tempo de bonança. Esse período vivido por Alice, em incessante busca por um homem desconhecido, é uma quarentena, onde ela vive numa espécie de purgatório, passando por muitas privações, perdendo a comunicação com o mundo a que pertence e gastando todo o dinheiro que lhe restava, igualando-se, assim, àqueles que viviam em situação de indigência: (“Quarenta dias no deserto, quarenta anos. [...]Quarenta dias. Atravessei a geena. Acabo de sair da quarentena. Não planejei nada, caí lá sem querer, sem me dar conta de que aquilo podia ser a barca do inferno” REZENDE, 2014, p.18)

O número 40, apresentado na obra, dialoga bastante com a narrativa bíblica, em várias passagens do texto, inclusive através do título *Quarenta Dias*, o que remete à quaresma, à quarentena, simbolizando um momento de reclusão, de provações, de preparação, demarcando um tempo de passagem, responsável pela mudança substancial do indivíduo. Dentre as passagens no texto bíblico que fazem referência ao número 40, gostaríamos de elencar: A experiência de Noé e de todos que estavam na arca, depois do dilúvio, passando, ainda, 40 dias em alto-mar, antes de chegarem em terra firme (Gênesis 7:4-12 e Gênesis 8:6); O momento de isolamento e de jejum pelo qual Jesus Cristo passou, antes de começar a sua vida de profeta, mantendo-se no deserto por quarenta dias e quarenta noites, sem comer (Mateus 4:2 e Lucas 4:1-2). Diante dos relatos supracitados, identificamos que, ao usar o numeral 40, a autora tem uma clara intenção de aproximar a experiência de Alice com algumas personagens bíblicas e com a tradição católica. Sobre a simbologia do número 40, Chevalier & Geerbrant (2002: 757-758) afirmam:

É o número da espera, da preparação, da provação, ou do castigo. [...] Pode-se dizer que os escritores bíblicos marcam a história da salvação, dotando os

acontecimentos principais com este número; ele caracteriza assim as intervenções sucessivas de Deus, que se invocam uma à outra. [...] este número marca a realização de um ciclo, de um ciclo, entretanto, que deve chegar, não a uma simples repetição, mas a uma mudança radical, uma passagem a uma outra espécie de ação e de vida. [...] a quaresma, preparação para a ressurreição pascal, dura 40 dias.

[...] Este número desempenhou um papel bem particular nos rituais fúnebres de um grande número de povos. É com efeito o número de dias necessários para que os restos mortais sejam considerados como definitivamente desembaraçados de qualquer corpo vivo, por mais sutis que seja, isto é, de todas as suas almas. Segundo essas crenças, como um morto só está totalmente morto no final desse prazo, a cerimônia deste dia, a quarentena, é a que suspende as últimas proibições do luto; é o término do período do resguardo. É também nesse momento que se efetuam os ritos de purificação, e só nessa data parentes do defunto ficam livres de toda obrigação a seu respeito. [...] O costume da quarentena provém dessa crença, segundo a qual o número quarenta simboliza um ciclo de vida ou de não-vida. (CHEVALIER; GEERBRANT, 2002, p. 757-758)

Apesar de usar o artifício de que sairá à procura de Cícero Araújo, Alice estará em busca de si mesma, de resgatar a mulher que ela foi noutro e que se encontrava adormecida: professora de língua francesa, poliglota, culta e de hábitos rotineiros de leituras bem apuradas, além de militante política, que enfrentou a ditadura militar, junto do seu marido, o qual ficou na posse dos seus algozes, não retornando mais à sua família. Foi a “Alice da juventude” quem acordou a Alice idosa e transportou-a para o outro mundo, no qual ela “denuncia” a invisibilidade dada àqueles que lá residem, através de seus testemunhos a respeito daquele lugar onde ela passou a viver por quarenta dias e, ao passar por essa experiência, a protagonista luta contra um sistema sócio-econômico-político-cultural que depõe em favor da invalidez, da falta de autonomia e do apagamento dos idosos brasileiros. Alice, portanto, é ousada e invade um território não apenas geográfico, mas também ideológico, marcado pela selvageria dos dogmas patriarcais, que vislumbravam o apagamento e o silenciamento das mulheres, as quais seguiam a ordem da obediência e da censura que lhes eram impostas. Norinha e Elizete reproduziam a visão conservadora e falocêntrica da sociedade, condenando, impondo e desvalorizando o desejo de Alice no mundo em que ela estava confortavelmente instalada e que, por ordem dessas duas mulheres, teve que ceder às suas vontades, vendo sua vida transportada para outro lugar, sendo manipulada de acordo com o interesse de quem detém o poder sobre ela, assim como também ocorria com Barbie.

Barbie, a última personagem que destacamos, é a principal interlocutora de Alice, com quem compartilha suas dores, vivências e emoções. Representada pela capa de um caderno que traz a ilustração da Boneca Barbie, ela é tudo aquilo que Alice abomina (ícone da domesticação do feminino, orquestrada pelo patriarcalismo, que impõe um ideal de beleza e de comportamento comedido, “americanazinha”), mas ao mesmo tempo é com ela (numa relação metonímica Barbie=Caderno) que Alice desabafa todos os sentimentos e experiências vivenciados. Este caderno é o único objeto que Alice possui da vida na Paraíba, e é nele que a protagonista apresenta sua consciência enquanto mulher e cidadã, em contraposição ao machismo, atacando-o, enfrentando-o e não se permitindo escrava dele; logo, este instrumento se reconfigura na vida atual de Alice, marcando-lhe uma nova postura: um corpo que narra suas vivências e apresenta sua cosmovisão, dona de si mesma e de seu destino, contrariando as determinações feitas por sua prima Elizete e por sua filha

Norinha, as quais carregam em si os ideais machistas tão costumeiramente repetidos e reproduzidos pela sociedade, ao que Alice resiste e se distancia.

Arelada à presença da Barbie, temos a escrita como registro de algo que sufoca e perturba a paz do narrador que se manifesta no texto. A escrita é terapêutica, porque ela nos faz descobrir e refletir sobre aquilo que nos alegra ou nos incomoda, mesmo quando confidenciados num diário, esvaziando ou diminuindo as nossas dores e angustias, como acontece com Alice, a qual, se vendo em total solidão e não-pertencimento em relação a algo, extravasa suas emoções e opiniões através do desabafo escrito e, na maior parte das vezes, lido apenas por quem o escreve. Sobre isto, diz Perlatto (2017):

Para além de declarações de amor à literatura, seus livros, em especial *Quarenta Dias*, podem ser compreendidos também como declarações de amor à escrita. A escrita, em grande medida, é a “tábua de salvação”, o espaço da respiração em meio ao turbilhão de mudanças e dificuldades; é o que dá conforto, alívio, o que consola Alice, a personagem principal do romance. A escrita, seja no caderno escolar velho e amarelado com desenhos da Barbie, seja em guardanapos ou no verso de folhetos de publicidade, é também a forma de se reencontrar com o passado, de fazer reviver aquilo que se passou. (PERLATTO, 2017)

O exercício da escrita é terapêutico e por isso entendido como um pressuposto para a cura: seja pelo fato do simples desabafo, seja pelo fato de assumir-se como escritora de sua própria história, sempre confidenciada a Barbie, que será esquecida na gaveta, metaforizada por Bachelard (2003) como espaço da memória, como podemos ver nos trechos da obra, a seguir:

...Vou me acalmando desse jeito. Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo? [...] É egoísmo querer ter minha própria vida? Diga-me, Barbie, você que nasceu pra ser vestida e despida, manipulada, sentada, levantada, embalada, deitada e abandonada à vontade pelos outros, você é feliz assim? você não tem vergonha? eu tenho vergonha de ter cedido, estou lhe dizendo, vergonha. (REZENDE, 2014, p. 42)

Vamos lá, boneca, desculpe perturbar mais uma vez seu sono eterno, mas é que ainda me falta escrever muita coisa de que preciso me livrar, ou de que não quero me esquecer?, antes de queimar você com tudo dentro. Não, acho que não vou ter coragem de tacar fogo em você, tem sido tão paciente comigo!, **só tranco numa gaveta qualquer, está bem? Você deve estar acostumada a acabar abandonada em gavetas, velhas caixas de brinquedos ou... já ia dizer sótão e porões, mas isso não existe mais, acho que se acabaram antes mesmo de você nascer** (REZENDE, 2014, p.157, grifo nosso)

Chega, Barbie, agora eu paro mesmo, que já está clareando o dia. Agradeço a paciência, gurria, a solidariedade silenciosa, **mas agora eu vou te trancar numa gaveta, tu não leva a mal, tá?, não digo que seja para sempre, quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo** (REZENDE, 2014, p.245, grifo nosso).

Ao se dirigir a Barbie em vários momentos da obra, Alice é enfática na denúncia a que se propõe fazer, opondo-se ao patriarcado que localizava a mulher num lugar que favorecia o seu apagamento e sua pouca ou nenhuma valorização. No primeiro trecho,

Alice está envergonhada e arrependida por ter cedido à vontade de Norinha, e questiona Barbie sobre a subserviência de sempre estar à disposição de quem faz uso dela, rejeitando-a em seguida, de acordo com o interesse daquela que brinca com a boneca. É importante observar que, apesar de no livro, Barbie ser representada pela capa de um caderno que já estava em desuso, os questionamentos da protagonista se referem à Barbie representada pela boneca, que “por sua natureza” foi feita (nasceu) para ser subserviente a quem brinca com ela, tendo como fim o abandono até surgir novamente o interesse pela brincadeira, ao que Alice questiona se é possível ser feliz diante dessa condição. Ao mesmo tempo em que a narradora faz essas indagações à sua interlocutora, ela também estabelece uma autorreflexão sobre sua postura diante do desejo de sua filha Norinha, anunciando ter se arrependido e ter vergonha de si mesma, ao se assujeitar a uma aspiração que não era sua (“Diante das relações familiares esfaceladas, Alice não se aniquila. Enfrenta seu drama, vivenciando a liberdade das ruas e a liberdade do fazer poético. O andar e o narrar vigoram a força da vida e a força das palavras” [...] (RESENDE; DAVID, 2016, p. 28).

No recorte apresentado acima, a autora nos apresenta outra denúncia que remete a uma cultura de apagamento e de perseguição longínquas, em que mulheres consideradas avançadas e desobedientes ao sistema patriarcal eram queimadas, enforcadas ou degoladas, dando-lhes este fim trágico como forma de intimidar outras que desobedecem as regras sociais, amplamente amparadas pelo falocentrismo. Mulheres que fossem consideradas más influências ou deladoras de algum abuso sofrido eram postas no limbo, em espaços como o sótão e o porão, amplamente debatidos por Bachelard (2000), lugares estes onde imperavam o ódio e o descaso, promovendo o esquecimento e aniquilamento delas, quase suas inexistências.

No trecho supracitado, a denúncia se faz por meio das palavras *queimada*, *sótão* e *porão*, símbolos de violência desmedida, destinadas a mulheres transgressoras. No último recorte, fundem-se a personagem Alice com a autora Maria Valéria Rezende, quando nos momentos finais da narrativa anuncia: (“quem sabe ainda reabro essas páginas, passo tudo a limpo” REZENDE, 2014, p.245), sugerindo a continuação desta história, a qual foi confidenciada a Barbie, e que finalmente será posta novamente na gaveta, por tempo indeterminado, assim como tantas outras pessoas repetem o mesmo gesto, pondo-a em desuso ou em quase completo esquecimento. Alice, portanto, encerra a narrativa renovada, resgatada pelo poder que tem em mãos, concebido pela escrita, que é libertadora, preservando sua presença, sua voz no mundo, assim como fazem as autoras reais. Alice é transgressora e como tal não aceita o destino que quiseram reservar a ela, pois tem valores díspares com o sistema patriarcal e com suas seguidoras (Nora e Elizete), que tentam reduzi-la. Alice reage, resgatando sua identidade perdida, que não aceita ser censurada e nem silenciada, pois é consciente de que é detentora de sua vida e só ela é responsável por impor seu destino, nem que para isso haja o enfrentamento constante a tudo que advém do patriarcado.

### Últimas considerações

*Quarenta dias* é, portanto, uma obra de fôlego e com muitos elementos simbólicos, destacados no decorrer de toda a trama, quando há uma aproximação entre as Alices, que possuem em suas essências o questionamento, a curiosidade e a experiência em enveredarem por um mundo desconhecido e nada familiar com o que elas estavam inseridas cotidianamente. Na “viagem” pelo novo mundo com o qual elas estabelecem uma relação transitória, as protagonistas fazem um exercício em busca do autoconhecimento, em companhia de todo o enfrentamento da condição humana, revelada pelo

estranhamento diante do desconhecido, do misterioso, mas que também provoca nelas (e em nós também) aprendizados que se concretizam a partir das vivências e das histórias partilhadas, de modo que tanto a Alice inglesa, quanto a paraibana, se conhecem e descobrem mais sobre si mesmas, voltando-se para as suas realidades mais conscientes de seus papéis, seus valores e dos lugares que devem e merecem ocupar no mundo. Todavia, a Alice rezendeana só consegue este feito quando sai de sua zona de conforto e desbraveja num espaço completamente estrangeiro a ela, onde se mantém “reclusa” por quarenta dias, o que justifica o título do livro da consagrada autora paraibana Maria Valéria Rezende.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CANDIDO, Antonio *et. al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CHEVALIER, Jean; GERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lucia Melim. Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 2002.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PERLATTO, F. Os marginalizados, os rastros e os emaranhados de Maria Valéria Rezende. **Revista escuta**: Revista de política e de cultura. 23/02/2017. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2017/02/23/os-marginalizados-os-rastros-e-os-emaranhados-de-maria-valeria-rezende/>. Acesso em 02 de setembro de 2019.
- RESENDE, Beatriz Vieira de; DAVID, Nismária Alves. **A cidade e a escrita do corpo em Quarenta dias**. Disponível em: < [publicacoes.ufes.br/contexto/article/download/13736/9725](http://publicacoes.ufes.br/contexto/article/download/13736/9725)>. Acesso em: 11 de maio de 2018.
- REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.